

## EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO

<b>INSCRIÇÃO</b>	00163
<b>INSTITUIÇÃO</b>	Universidade de Brasília
<b>CAMPUS</b>	Darcy Ribeiro
<b>CIDADE</b>	Brasília
<b>UF</b>	DF
<b>CATEGORIA</b>	RT
<b>MODALIDADE</b>	RT05
<b>TÍTULO</b>	Sinta o Som: Pessoas com deficiência e sua relação com a música
<b>ESTUDANTE-LÍDER</b>	Victoria Cristina Gonçalves da Costa
<b>CURSO ESTUDANTE-LÍDER</b>	Comunicação Social - Audiovisual
<b>COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS:</b>	Maurício Gomes da Silva Fonteles (Universidade de Brasília )

### DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

A websérie Sinta o Som aborda a relação de três pessoas com deficiência com a música. Cada um dos protagonistas estrela dois vídeos: um videodocumentário apresentando a pessoa que acompanha o artista e uma performance musical em estúdio, apresentando o artista que acompanha a pessoa. Segundo o Art. 2º do Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei No 13.146/15), publicado pelo Senado Federal: Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (2015). Assim, pessoas com deficiência são aquelas que não possuem todos os recursos cognitivos, físicos e/ou motores - tendo nascido ou adquirido essa condição. E qual seria a melhor maneira de se referir a alguém nessa condição sem ofendê-la e de uma maneira não pejorativa? Em 2006, após um debate mundial, o termo Pessoa com Deficiência (PcD), foi aprovado como referência de utilização pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). No Brasil, porém, a terminologia foi atualizada apenas em 2010, quando a Secretaria de Direitos Humanos, através da Portaria 2.344/2010, modificou o termo Pessoa com Necessidade Especial (PNE), para PcD - pessoa(s) com deficiência. Era uma forma de eliminar a conotação pejorativa presente na palavra "especial", além de ampliar o entendimento de que a deficiência faz parte da pessoa e é algo a ser considerado normal. Como diz Cleudet Scherer no texto "A Contribuição da Música Folclórica no Desenvolvimento da Criança" (Revista Educativa, 2010), a música é "a junção de sons, ruídos, silêncios, ritmos e melodias. Enfim, iniciamos o nosso contato musical desde quando crescemos no útero materno e por toda a nossa vida." (p.248). A música, desta maneira, pode fazer parte da realidade de pessoas com e sem deficiência desde o início de suas vidas. Assim, torna-se pertinente levantar alguns questionamentos: como a música pode contribuir para o avanço e desenvolvimento de uma pessoa, tendo deficiência ou não? Como uma PcD lida com os possíveis obstáculos que se apresentaram ao longo de sua história com um instrumento musical? Pensando especificamente nos casos dos protagonistas: como uma pessoa com deficiência visual aprende a tocar um violão? Quais recursos e/ou métodos podem ser utilizados para a acessibilidade no caso de uma pessoa com acondroplasia que toca um piano de tamanho regular? Como fazer para se haver tato e efetividade no ensino de música para uma pessoa com autismo? Portanto, o projeto tem como objetivo principal a produção de uma série de vídeos para a web abordando a relação de pessoas com deficiência com a música. Como objetivos secundários, pretende-se informar e dar visibilidade à relação da PcD com a música. Visa-se, também, conscientizar os espectadores sobre o papel da música na vida de uma pessoa com deficiência, mostrando o quão grande pode ser seu impacto. Por fim, que essas histórias inspirem mais pessoas com deficiência interessadas em cantar/tocar a seguirem seus sonhos. Para tanto, todos os episódios contam com recursos de acessibilidade, como a Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS), audiodescrição e legendas descritivas.

### DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

O trabalho iniciou-se com uma pesquisa exploratória para conhecimento e contextualização teórico-referencial sobre as deficiências a serem abordadas, além de maior proximidade com o assunto e melhor preparação para as entrevistas. O que é acondroplasia? Como

afirmam Sofia Uemura e colaboradores no texto "Acondroplasia - Relato de Caso Clínico" (Jornal Brasileiro Odontopediatria e Odontologia do Bebê, v.5, 2002) o termo acondroplasia foi introduzido por Parrot em 1878, pois acreditava-se que estes indivíduos não possuíam cartilagem de crescimento. É o tipo mais comum de nanismo, conforme afirma Maria Abrão et al. no texto "Anestesia em anã acondroplásica obesa mórbida para gastroplastia redutora" (Revista Brasileira de Anestesiologia, v.59, 2009). Já em relação ao autismo que Francisco possui, o mesmo é chamado de "Transtorno do Espectro do Autismo" (TEA). Segundo Renato Sampaio et al. no texto "A Musicoterapia e o Transtorno do Espectro do Autismo: uma abordagem informada pelas neurociências para a prática clínica", o TEA consiste em uma desordem do neurodesenvolvimento com início precoce e curso crônico, não degenerativo. (2015, p.138). Diferente da acondroplasia, que é física, a desordem é neurológica. Ainda de acordo com os autores, a literatura sobre a desordem relata uma intensa relação das pessoas com tal transtorno e a música. (p.146). Para Rosângela Agnolon e Demerval Masotti, no texto "A musicalização e o desenvolvimento cognitivo de crianças a partir das inteligências múltiplas" (Revista de Educação Ciência e Tecnologia, 2001), "cantar melhora o diálogo, a escrita e proporciona mudanças nas habilidades do pensamento criativo." (p.11). Já é possível perceber, aqui, as possibilidades de desenvolvimento de Francisco e o quanto é válido seu aprendizado. Sobre a deficiência visual, Daltró Keenan Junior e Morgana Kremer, no texto "A inserção de estudantes com deficiência visual em cursos de licenciatura em música: um estudo de caso na universidade estadual do Rio Grande do Sul" citam o Decreto no 5.296, de 2 de dezembro de 2004 quando este afirma que uma pessoa cega é aquela que "apresenta acuidade visual igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica, e baixa visão são as pessoas que apresentam acuidade entre 0,3 e 0,05, no melhor olho, com a melhor correção óptica". (Brasil, 2004 apud Keenan Júnior e Kremer, 2018. p. 2-3). Maria Lúcia Suzigan, citada por Rosane Carvalho e Beatriz Lima em "A Música e o Desenvolvimento Cognitivo Infantil", afirma que a música "estimula áreas do cérebro não desenvolvidas por outras linguagens, como a escrita e a oral. É como se tornássemos o nosso 'hardware' mais poderoso". (Suzigan, apud Carvalho, R. Lima, B., Seminário PIBID/Sudeste, 2015, p.2). Como se pode observar no artigo de Letícia Rodrigues intitulado "Um estudo sobre a Teoria das Inteligências Múltiplas." (2015), em 1983 o psicólogo Howard Gardner publicou um livro intitulado "Frames of Mind", traduzido para o português como "Estruturas da Mente". Na publicação ele disserta sobre sua "Teoria das Inteligências Múltiplas", citando a Inteligência Musical pela primeira vez. Agnolon e Masotti (2010) conceituam esse tipo de inteligência como a "habilidade do sujeito em reconhecer sons e ritmos, ter o gosto em cantar e de tocar um instrumento musical". É importante frisar o termo aqui utilizado pelos autores: "ter gosto". Basta o indivíduo ter o interesse e reconhecer sons e ritmos. Assim, uma deficiência dificilmente será fator decisivo para que uma pessoa tenha ou não a inteligência musical. Ainda segundo os autores (2010), "esta se desenvolve a partir da interação natural e social dos seres vivos com a música, atingindo as emoções de quem a executa e daqueles que as ouvem". Dessa maneira, a música é linguagem e processo social, trazendo à pessoa com deficiência a oportunidade de se inserir socialmente.

## DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:

Para a formação de equipe, havia-se a ideia de ter apenas um membro por cargo. Porém, ao convidar outras pessoas, percebeu-se prováveis sobrecargas e conflitos de agenda. Então, para evitar problemas, sempre havia 2 membros que se revezavam para cada cargo, com a equipe de fotografia se fundindo com a equipe de making of. Ao fim, totalizaram-se 13 pessoas envolvidas com o projeto. A procura por protagonistas começou no final de 2018, com a ida da diretora a locais com maiores chances de se achar pessoas no perfil procurado. Por se tratarem de pessoas com deficiência que tocassem e/ou cantassem, era mais provável encontrar alguém com essas características em alguma escola de música. Francisco Boing e sua mãe Raquel foram indicados pela recepção da "BSB Musical". Ao serem abordados, ambos aceitaram o convite de pronto. Nessa mesma conversa descobriu-se o quanto a família do rapaz também era ligada à música e o apoio que ela fornecia a ele. Esse poderia ser um ponto a ser frisado em seu documentário. Assim, a produtora Sofia Todd e Victoria se dirigiram à Escola de Música de Brasília (EMB). Ao chegar no local, conheceram Andréa Menêzes, professora de música. Após explicar o projeto, ela indicou alguns de seus alunos, sendo Sávio Lobato um deles. Por ser músico contratado no Laboratório Sabin, o jovem seria um bom exemplo de conquista profissional de um PcD que tem uma grande relação com a música. Esse assunto foi o mais visado em ser inserido no documentário de Sávio, porém a autorização para gravação no local nunca foi, de fato, dada. Após inúmeras tentativas, Sofia foi orientada a entrar em contato diretamente com o supervisor de Sávio, Alan Cruz. O mesmo também tentou conseguir a autorização, porém sem sucesso. Como o calendário estava se atrasando, decidiu-se trocar a abordagem do vídeo: Sávio não seria mais acompanhado no Sabin, mas no Remédio Musical - projeto no qual é voluntário juntamente com Alan. A pauta seguiria interessante, mostrando a música sendo usada como terapia e remédio. À essa altura, os requisitos aumentaram: com dois homens confirmados, era preferível que a terceira pessoa fosse uma mulher, para que houvesse um pouco mais de diversidade no produto. Victoria entrou em contato com uma egressa de Música da Universidade de Brasília (UnB) à procura de possíveis protagonistas mulheres e foi informada que havia uma estudante de piano com acondroplasia - Shirley Nunes. A pianista logo aceitou. Fechados os protagonistas, os subeixos de cada episódio se tornaram interessantes: a família, o trabalho e o estudo na relação da pessoa com deficiência com a música. Como haveria dois tipos diferentes de produção - documentário e estúdio -, decidiu-se começar pelo vídeos documentais. Assim seria possível conhecer melhor os protagonistas e deixá-los à vontade com a equipe para a gravação em estúdio. A pesquisa por estúdios existentes no Distrito Federal (DF) começou ainda antes de se saber quem eram os protagonistas e onde eles moravam. Por conta da falta dessa informação, foi feito um mapeamento de estúdios existentes pelo DF. Ao saber o endereço dos protagonistas, definiu-se o local. Na pós-produção, a animação contida logo no início dos vídeos vai do laranja para o verde mais claro, finalizando no verde mais escuro - cores de sua identidade visual. Para se remeter à música, foram inseridas linhas horizontais no logotipo, remetendo às linhas de partitura. Todos os recursos de acessibilidade foram feitos nos estúdios da UnB de maneira voluntária. Após as últimas revisões, o Sinta o Som estava, enfim, pronto. Com isso percebeu-se que a música tem, de fato, um papel essencial na vida dos protagonistas. Eles conseguiram superar seus obstáculos: Shirley com seu adaptador, Sávio com as marcações no braço do violão para conseguir discernir as casas e Francisco com as aulas de canto, na sala de aula e, às vezes, no palco - local que tanto adora.